

Teoria da Agenda Positiva: nova metodologia para a prática jornalística

Aylê-Salassié Quintão e Paulo Trindade*

A Agenda Positiva é uma expressão surgida dentro do Projeto Atenas 2004, com base nas experiências de coberturas olímpicas, paraolímpicas e dos jogos indígenas, e sistematizada para dar um direcionamento ao tipo de cobertura que será gerada dentro do Projeto nos jogos olímpicos e paraolímpicos de Atenas em 2004. Trata-se de uma visão humana e cooperativa, proativa, do Jornalismo em direção ao bem-estar e à inclusão social. O conceito institui como metodologia de cobertura jornalística uma Plataforma de Inclusão Social e uma Matriz de Convergência Multimídia.

A Agenda Jornalística Positiva é um conceito construído para dar uma direção ao Projeto Atenas 2004, cujos objetivos são inteiramente pedagógicos. Pretende-se com a experiência tirar o ranço provinciano da formação profissional dos estudantes de jornalismo, propiciando-lhes a oportunidade de conhecer, vivenciar e registrar, em Atenas, as raízes helênicas do mundo ocidental, o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos e participar da confraternização entre nações e etnias.

Entende-se que encontros desse gênero são marcados por momentos de intensa alegria e emoção. Antes de ser uma competição de super homens é um momento de confraternização. Por isso, apresenta-se como uma excelente oportunidade para demonstrações da possibilidade da existência de um mundo solidário, pacífico e livre de violência.

A equipe de trabalho do projeto prepôs-se a cobrir tanto o cotidiano dos Jogos, representados por 40 modalidades esportivas, quanto a questões ligadas à cultura, ao perfil, e ao comportamento de atletas, especialmente do Brasil e da América Latina. Além de matérias jornalísticas para a imprensa escrita, o rádio, a televisão e a WEB produzidas pelos alunos da Católica para a mídia ligada ao projeto sob o regime de parceria, gerar ainda vídeos, um livro e, posteriormente, também uma exposição itinerante do trabalho desenvolvido pelo grupo. Cada um dos Jogos Olímpicos, e Paraolímpicos, recebe a cobertura jornalística de equipes multimídias integradas por até 20 estudantes e professores.

Para não se tropeçar na falta da “erudição necessária”, de que fala historiadora Tereza Negrão, da Universidade de Brasília, ou na ausência de conhecimento específico para a cobertura dos Jogos, principalmente em se tratando de um grupo de estudantes, 40 dos sobreviventes de um total inicial de 140 inscritos, recebem treinamentos intensivos em cultura helênica, cobertura esportiva especializada, conversação em grego, inglês

* Aylê-Salassié F. Quintão: Professor e jornalista, doutorando em História, MSc em Comunicação, Coordenador do Núcleo de Estudos de Comunicação da América Latina(Nuclam); e Paulo Cesar Trindade: Professor e jornalista MSc em Educação Física, Coordenador do Laboratório de Informação de Mídia em Educação Física e Esportes(Limefe). Este trabalho é fruto de discussões de experiências adquiridas nas coberturas de jogos olímpicos, paraolímpicos e indígenas e contou com a participação efetiva dos estudantes inscritos para a cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Atenas 2004.

Contatos: NUCLAM(Curso de Comunicação - UCB) Tel: 356-9271 E-mail: ayle@ucb.br
LIMEFE (Curso de Educação Física -UCB)Tel: 356-9271 E-mail: paulot@ucb.br

e francês, e práticas de competência profissional, relacionamento humano e sobrevivência individual.

O Projeto Atenas 2004 apresenta ainda uma característica especial ao se propor identificar, inventariar e reunir informações de ordem tecnológica, seja no campo da comunicação, da educação física, do esporte, da violência ou do consumo de drogas na atividade esportiva, para um posterior relato em fóruns de ciência e pesquisa nessas duas áreas no Brasil e no exterior. Essa é uma linha de trabalho, desenvolvida dentro do projeto América sem Fronteiras, conduzida na UCB por meio do Núcleo de Estudos em Comunicação da América Latina - Nuclam, com ramificações nos cursos de Comunicação, Educação Física, Relações Internacionais e Letras, com a participação ainda do Laboratório de Informação e Multimídia em Educação Física e Esportes (Limefe) da UCB.

A última experiência de cobertura jornalística de jogos olímpicos, desenvolvida pelo Curso de Comunicação Social da UCB, ocorreu nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo (2003), na República Dominicana. Anteriormente, um grupo da Católica cobriu as Paraolimpíadas de Sidney (2000), na Austrália. Um outro grupo executou trabalho similar nos Jogos Indígenas em Palmas (Tocantins). Nas três oportunidades, foram realizadas parcerias entre a Universidade Católica de Brasília e os jornais Correio Braziliense, Correio Web, Jornal de Brasília e Sistema Radiobras (do Distrito Federal), O Estado de Minas, de Minas Gerais; O Popular e a Tribuna Universitária, de Goiânia (GO) e sistemas rádio/televisivos.

A Universidade Católica de Brasília, por meio de seus cursos de Comunicação Social e Educação Física, aos quais estão vinculados diretamente o Nuclam e o Limefe, propõe-se a formar profissionais brasileiros na área de imprensa para atuar no processo de integração continental multicultural, capazes de desempenhar suas atividades jornalísticas (sem inibições de ordem técnica ou de formação humana), como jornalistas especializados, enviados especiais ou correspondentes.

Os projetos desenvolvidos e em desenvolvimento têm a função de habilitar os futuros profissionais para cobrir diversos tipos de eventos nacionais e interna-

cionais dentro da perspectiva de uma Agenda Positiva, expressão que vem da década de 1980 e ganha seus contornos definitivos com o Projeto Atenas 2004. Sustenta-se em experiências similares anteriores para dar uma direção metodológica ao tipo de cobertura a ser gerada nos jogos olímpicos e paraolímpicos: uma visão humana, cooperativa (NIQUINI, 1997), proativa, preocupada com o fortalecimento da cidadania. Caracteriza, principalmente, por reunir a idéia do bem-estar e da inclusão social.

Introdução

A sociedade foi surpreendida, na década de 1980, pela divulgação massiva pela mídia de dados inéditos sobre as queimadas e o conseqüente desmatamento na Amazônia. O tema ganhou agenda no jornalismo brasileiro e extrapolou para a imprensa internacional, inspirando novas teses no campo da geopolítica mundial. Assustado com os índices de depredação da floresta brasileira, o então presidente a França, François Mitterrand, declarou a Amazônia patrimônio da humanidade e questionou a competência do Brasil para cuidar desse bioma. Desde então o governo brasileiro não teve mais tranquilidade para tratar do problema do desmatamento na região, nem autonomia para administrar, com exclusividade, os recursos ali existentes.

O assunto foi amplamente discutido na imprensa mundial e, naquele momento, diante das pressões internacionais, aventou-se, dentro do governo brasileiro, a hipótese de se instituir uma agenda positiva para a Amazônia, com o fim de neutralizar as fortes críticas contra o Brasil. Assim, institucionalizou-se o conceito de sustentabilidade para todos os projetos na região e a adoção de ações que passaram a sinalizar os cuidados do Brasil para com a região, seus recursos e populações. Os idealizadores da idéia do agendamento a conduziram, contudo, como algo que tinha origem nas esferas superiores da política, deixando ao cidadão o direito de compreender ou de se orientar por meio da imprensa sobre os temas colocados. A teoria da agenda setting, surgida em 1972, mostra como os media determinam a agenda da sociedade ao enfatizar alguns aspectos da realidade cotidiana (McCOMBS e SHAW,

2000:47/61)¹, deixando evidente, entretanto, o fato de que o sentido social das coisas é apenas um apêndice na agenda. Por ela, a sociedade, como um aglomerado disperso, não consegue fixar uma agenda para si, uma agenda pública, porque praticamente não tem como se comunicar, a não ser por meio da imprensa. A aliança do jornalismo com a sociedade para a formatação de uma agenda pública é, por outro lado, excessivamente frágil. Na relação, a imprensa sente-se com autonomia para formatar notícias e priorizar fatos em nome dessa comunidade de interesses variados e descentralizados. A definição das pautas ou mesmo o tratamento dado a notícias, especialmente as originadas da sociedade - cobertura de cidade, de cotidiano, de comportamento, esportes, etc. - torna-se um campo sem dono, ocupado unicamente pelo jornalismo.

Editores, e até mesmo os repórteres, exercem então papel decisivo na definição de uma agenda pública contando metodologicamente, em não raras ocasiões, apenas com seu juízo de valor na seleção do que seja uma notícia importante. Essa liberdade de escolha leva muitas vezes a imprensa a se submeter à desconfiança pública, ao fazer, por exemplo, apologia de iniciativas oficiais, que se inscrevem apenas no âmbito da responsabilidade cotidiana dos governantes na busca compulsória do bem-estar social. A formulação de uma agenda pública resulta sempre em redirecionamentos temáticos e em algumas ocasiões no encobrimento de questões preocupantes, muitas vezes prioritárias para a sociedade (MEDEIROS, 1996).

Mas, se o jornalismo não pode ficar a mercê do agendamento governamental, tampouco deve depender da ação interpretativa de um editor, de um chefe de redação (newsmakings) ou mesmo de um proprietário de empresa de comunicação que imprime sua ira, seus desafetos e frustrações pessoais sobre a pauta ou o texto jornalístico. “No meu jornal você escreve o que eu quiser”, disse, certa vez, Assis Chateaubriand para um de seus repórteres mais afoitos.

Na medida, portanto, em que se aceita o Jornalismo

como uma atividade de interesse público (MELLO, 1992) necessária para manter a coesão da sociedade e acompanhar a governabilidade, ele passa a dividir com essa mesma sociedade a responsabilidade por suas abordagens no tratamento das notícias, que é sua matéria-prima. A ocupação desse espaço vem fazendo surgir estudos sistemáticos sobre o papel do Jornalismo, os diferentes tratamentos dados à notícia e os efeitos dela derivados.

Por isso, a discussão levantada por Antonio Gramsci (1978:242) e Louis Althusser (1979) sobre o papel ideológico da imprensa não parece esgotada. O jornalismo é um dos componentes importantes na formatação da agenda política e na publicização de seus direitos. Exemplos não faltam na revolução francesa, na revolução russa e até na difusão de doutrinas autoritárias (KUNCZIK, 2000). Mas, na validação do cotidiano da sociedade como um tema de agenda, a imprensa mostra-se muito insegura. Contribui mais para difundir a violência do que para promover a cidadania. Opera com fatos jornalísticos locais, sem a preocupação com a extensão dos seus efeitos, o que não ocorre quando a questão agendada situa-se no campo da política. É preciso convir que na fixação da agenda pública o jornalismo fica muito a dever à sociedade.

Um agenda positiva não pode ter origem apenas dentro do governo, como pretendem os governantes eventuais, que querem eternizar-se, no cumprimento, às vezes parciais, de pequenas obrigações contratuais com a sociedade. Mas, o exercício da administração pública torna compulsória, como um direito dos cidadãos, a publicização dos atos e iniciativas de governo.

Pretende-se, portanto, aqui formatar uma Agenda Positiva, uma agenda pública que contribua para o bem-estar, a inclusão social, o fortalecimento da auto-estima e da cidadania. Esse jornalismo, se preciso, desmonta e desvenda discursos para verificar que interesses privados ou mesmo políticos conduzidos prioritariamente por meio da imprensa afetam o dia-a-dia da sociedade. A exploração do contraditório na difusão de uma notícia

¹ O Artigo original, intitulado “The Agenda-setting function of massa media”, foi publicado em 1972, na revista *Public Opinion Quarterly*, vol.36, n 2, Verão.

é muito pouco, porque dois únicos interesses particulares em conflito podem ser generalizados como “coisa pública” por meio da imprensa. A prática jornalística tem incorporada ainda uma responsabilidade social - e não apenas individual -, que é a obrigação do exercício de uma visão crítica na interpretação de qualquer fato do cotidiano. Há sempre alguém atrás de uma notícia: uma vida, uma família, uma comunidade, e até a estabilidade de um país.

A agenda pública não pode ser tratada também como uma questão de lealdade a alguém ou ao governo. Ser leal ou imparcial na captação e transmissão dos fatos é um atributo implícito na atividade de qualquer jornalista.

O problema do agendamento na forma primitiva como é elaborado provoca quase sempre um estado de mal-estar ou de excitação na sociedade. “Tensão no campo” e “Confronto à vista”. Assim o Correio Brasileiro do dia 08 de abril de 2004 tratou a invasão da fazenda da empresa Veracel, no sul da Bahia, cotejando-a com uma entrevista do presidente da Confederação Nacional da Agricultura, em que fala sobre “evitar sangue no campo”. As chamadas seriam jornalisticamente corretas, se a situação concreta estivesse sinalizando de fato, nessa direção. Sabe-se que o MST tem o apoio do governo do Partido dos Trabalhadores no Brasil, que dificilmente proporia algo que ameaçasse a sua estabilidade. Mas, a notícia vai contribuir, no mínimo, para acirrar ânimos e atemorizar a população. Em outra matéria, do dia 09 de abril de 2004, o mesmo Correio Brasileiro abre uma manchete dizendo: “Número de caloteiros sobe 150 %”, referindo-se a 1,76 milhão de pessoas que não estavam conseguindo pagar suas contas em dia. A sociedade brasileira, que passa neste ano de 2004, por uma crise de emprego, de salário, de consumo e de acesso ao crédito devido às elevadas taxas de juros, não deveria ser tratada com tanta leviandade. A visão do jornal está estereotipada ou, no mínimo, transmite o ponto de vista do credor. Trata-se de uma vedetização da notícia e de uma agressão aos cidadãos. A serviço de quem está a notícia? Se a imprensa não resguarda o interesse do cidadão, algo está errado. É preciso desvendar esse segredo ou recompor o discurso jornalístico

em direção a bases novas e mais compatíveis com uma sociedade que cresce demograficamente de maneira assustadora, aguçando carências estruturais no campo da economia de difícil gestão e controle.

Este trabalho está propondo uma reflexão para a construção de uma Agenda Positiva do jornalismo. Diante do bom ou do mau governo, a sociedade brasileira sobrevive e se desenvolve. É o milagre da informalidade, do pleno uso dos direitos e da capacidade produtiva do cidadão. Esse ângulo não pode ser ignorado numa Agenda Positiva.

A Agenda Positiva para o Jornalismo proposta aqui decorre dessa problemática, mas, pela oportunidade que se oferece, será testada apenas num campo social: o dos esportes, considerando a oportunidade dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Atenas 2004, cuja marca é o conagraamento entre povos e cidadãos de todo o mundo, sem qualquer caráter agressivo. Entende-se que na área do esporte podem ser encontradas características cujo agendamento jornalístico pode contribuir para o fortalecimento da coesão social e da solidariedade entre os povos, sem a geração de mal-estar social.

Foi pensando nisso que se formulou o Projeto Atenas 2004, reunindo estudantes e professores de Jornalismo e de Educação Física da Universidade Católica de Brasília para cobrir as Olimpíadas de Atenas de 2004, em agosto, e as Paraolimpíadas, em setembro, na Grécia. Trata-se de um projeto inédito de cobertura dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos para ser executado em parceria com a grande mídia e a imprensa universitária. O grupo vem se preparando, com treinamentos suplementares, culturais e técnicos, desde agosto do ano passado, para não ser surpreendido com a falta da “erudição necessária” para agendar positivamente a cobertura de um evento especializado que será acompanhado por dois terços da população do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MACCOMBS, Maxwell E. E SHAW, Donald L. A função do Agendamento dos mídia. In: TRAQUINA, Nelson. **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento.** Minerva. Coimbra. 2000.

Pedagogia da Agenda Positiva

De fato, em que pese as experiências anteriores de construção de uma Agenda Positiva, a inspiração para a formatação conceitual de uma Agenda Positiva, como um instrumento de trabalho para o jornalismo deste conturbado início de século, surgiu do questionamento da máxima segundo a qual “notícia boa é notícia ruim”. Considera-se que antes de um aparelho ideológico de Estado, “No processo da educação, os meios de comunicação (MCs) convencionais contribuem de maneira informal e intrínseca... para a elaboração e a transmissão de mensagens informativas, conscientizadoras e mobilizadoras, valorizando a intuição pedagógica de produtores midiáticos e jornalistas sobre o conjunto de emoções que permeiam o cotidiano vivenciado pela sociedade” (QUINTÃO, 1997). Conclui-se que os meios de comunicação convencionais e suas mensagens detêm implícita uma pedagogia da informalidade que se sobrepõe à educação formal (na escola) ou a não-formal (complementar).

Com essas características de educação ou de deseducação informal, o estigma de que “notícia boa é notícia ruim” ocupou um espaço significativo no jornalismo, contaminando a prática profissional no mundo da imprensa ao longo da sua história, estendendo seus efeitos sobre a sociedade. Ele está sedimentado de tal forma que parece implicar na própria competência do jornalista, na sua capacidade de fazer dela uso para imprimir marca ao fato noticioso, independentemente dos aspectos socialmente positivos nele contidos. O exercício diário dessa habilidade, associado à capacidade multiplicadora das novas tecnologias e ao discurso fragmentado da violência, encaminha o fato social (COSTA, 2002) para a sua banalização, vedetização e para a vulgarização jornalística de acontecimentos, conteúdos e formas, reproduzindo numa progressão geométrica experiências locais, restritas ou isoladas altamente negativas afetando comunidades agregadas por laços de solidariedade e relações sociais mais amplas.

Entre as características originais da imprensa, sistematizadas por volta dos anos de 1930 do século passado na Inglaterra e nos Estados Unidos, estão as funções de informar, educar e conscientizar. Ora, o Jornalismo

de hoje, embora dotado de mecanismos tecnológicos eficazes e com força pedagógica para exercer sua influência junto à coletividade, informa mal e, dentro de uma prática fundada na máxima de que “a notícia boa é notícia ruim”, revela-se totalmente despreparado para exercer a sua função pública conscientizadora. No momento em que teve oportunidade de promover uma reestruturação da suas práticas, ele se descobriu como uma atividade econômica ou se ideologizou, perdendo-se no meio de interesses empresariais privados ou do discurso político-partidário dos regimes de exceção nos países mais pobres.

Nas suas considerações epistemológicas, os analistas da imprensa percebem o que está acontecendo no meio jornalístico, mas a visão da maioria apresenta-se excessivamente acadêmica, o que reflete uma falta de aproximação com o real. Mesmo com essas limitações têm surgido concepções norteadoras como a da própria “agenda setting”, a dos “gatekeepers” e outras, com centenas de desdobramentos, relacionados com a responsabilidade do jornalismo e a ética da imprensa ou associadas a visões de um campo vasto, como o da comunicação social, fruto de reinterpretações de formulações geradas em outras áreas do conhecimento e da ciência. Ainda assim, permanecem grandes vazios e confusões conceituais entre aqueles que têm a responsabilidade de “produzir” o texto ou a imagem noticiosa no cotidiano, de forma a gerar conhecimentos e atitudes novas e diferenciadas.

Em razão disso, têm sido inúmeras as tentativas de identificar aspectos originais no campo do Jornalismo. Aquelas funções clássicas da imprensa, como mediadora e porta voz dos interesses sociais, estão incorporadas de maneira antropofágica nos fragmentos da pós-modernidade, momento cultuado na sua pluralidade, mas que parece não trazer contribuição efetiva para o Jornalismo com aquelas características originais. Isso não isenta a imprensa da sua responsabilidade social, que tem início na família e na escola, prolongando-se no exercício profissional do cotidiano com presença intrínseca no seu conteúdo de uma pedagogia da informalidade.

No espaço do jornalismo de interesse público, surgiram modelos como o do Jornalismo Cívico

(MARTINS, 2002), circunscrito, numa de suas vertentes, à responsabilidade do Estado em relação aos seus cidadãos; do Jornalismo Público (FERREIRA, 2001), que amplia o espaço de circulação da notícia de interesse da sociedade; do Jornalismo de Busca de Soluções (PIMENTEL, 2001) voltado para a defesa dos interesses comunitários e da cidadania, em que a notícia seria acompanhada do encaminhamento de uma solução; do Jornalismo da Boa Notícia, no qual a autora Delcia Maria de Matos Vidal defende a premissa de que “dar conhecimento das atividades da área empresarial no tocante às questões sociais promove a mobilização dos empresários, das comunidades e da sociedade civil..” (VIDAL, 2003); ou ainda a idéia do Jornalismo Híbrido (CASTANHO, 2004), um gestor da informação de interesse público. Essas categorias trouxeram inovações em relação às fontes e ao que poderia ser chamado de notícia, mas também têm feito uso de formatos cujas aplicações estão delineadas, com raras exceções, exclusivamente para as especificidades propostas. Parece que todas elas convergem para o interesse público, mas as interferências propostas no conteúdo da informação e até no seu efeito começam a distanciá-las dos fundamentos da atividade jornalística do cotidiano.

Assim, o “jornalismo do bem”, fruto da cobrança do cidadão atemorizado pelo o noticiário do cotidiano, parece caminhar em direção a um mundo idealizado dentro de uma perspectiva aparentemente ingênua e descomprometida. Já no Jornalismo de Soluções, a prática da informação transforma-se numa ação social de mobilização, extrapolando os limites da própria responsabilidade. No Jornalismo Híbrido o profissional de jornalismo habilita-se a operar tanto no campo público quanto privado, agindo conscientemente como um gestor da informação, podendo estar habilitado ainda para o manuseio de múltiplas propostas e instrumentos da sociedade do conhecimento.

O Jornalismo da Agenda Positiva que se deseja formatar aqui pretende preservar o perfil original da atividade jornalística, representado no distanciamento do fato, humanizando-o na linguagem à procura da identidade com o leitor, vínculo que não implica em obrigar o cidadão a engolir, como algo socialmente

generalizado e normal, uma foto agressiva, a notícia de uma ação violenta ou criminal isolada, fruto, às vezes, de distúrbios psicológicos de seus agentes ou do próprio jornalista que manuseia a notícia.

A experiência do Nuclam/Limefe no tratamento da informação, a partir do objeto “esporte olímpico, paraolímpico e dos jogos indígenas”, vem abrindo novos espaços de reflexão sobre aquelas funções jornalísticas deslocadas dentro da visão fragmentada da comunicação na pós-modernidade, indicando a possibilidade de contestação, pela prática do jornalismo no cotidiano, da máxima de que “notícia boa é notícia ruim”.

Segundo Henrique Licht, membro da Academia Olímpica Brasileira, “...as práticas esportivas são reconhecidas mundialmente como atividades fundamentais no combate à violência”...mas, a “imagem do esporte” (difundida via imprensa) é também muito prejudicada pelas cenas freqüentes de agressões, subornos, torcidas fanáticas e o uso de estimulantes (LICHT, 1999: 321). No seu entender, os comunicadores poderiam ajudar muito a melhorar a contribuição social do esporte se na divulgação esportiva, em vez de se concentrar nos fatos deprimentes que ocorrem em qualquer atividade - e não necessariamente apenas no esporte - divulgassem “mensagens educativas do esporte, do conhecimento de seus valores culturais, éticos e morais, da disciplina e da técnica de seus ídolos e de suas conquistas memoráveis” (LICHT, 1999: 321)

A Agenda Positiva nos esportes

A confrontação do discurso jornalístico sobre o esporte conduz a uma velha reivindicação social por um “jornalismo do bem”, escaldada que está a sociedade com os conteúdos e formatos jornalísticos impregnados de violência e de irresponsabilidade social no manuseio do fato noticioso. Assim, surge a idéia da Agenda Positiva, que extrapola, inclusive, os limites da expectativa social de um jornalismo do bem, ao propor uma abordagem limpa, cuidadosa e proativa, sem a necessidade de utilizar-se de métodos ou objetivos das técnicas de propaganda. A abordagem da Agenda Positiva preserva os métodos, técnicas, linguagens e formas do jornalismo convencional, com a diferença de que um fato consi-

derado prejudicial, pela emulação social negativa que produz, não terá privilégios ou destaque como notícia dentro dessa concepção teórica. Um exemplo de interpretação que não caberia dentro de uma concepção da Agenda Positiva pode ser dado com o caso do atleta Ben Johnson, admirado por jovens desportistas olímpicos de todo o mundo pela sua técnica, fibra, beleza e preparo físico:

“Uso de drogas faz Johnson perder a medalha de ouro”, ou “Medalha de ouro nas Olimpíadas é consumidor de drogas”, ou “Ben Johnson corre drogado”, ou ainda “Uso de drogas tira Ben Johnson das Olimpíadas”. Outro fato marcante e altamente delicado, devido ao reconhecimento da sua posição, como modelo de atleta, naquele momento da história do futebol no mundo, foi registrado com Maradona, o jogador de futebol argentino de maior expressão na Copa do Mundo de Futebol na cidade do México: “Maradona é um drogado” ou “Maradona é cortado da Copa do Mundo por consumo de drogas” ou ainda “Melhor Jogador de Futebol do mundo é consumidor de drogas”. Recentemente, o bonito e habilidoso meio de campo do futebol inglês, David Beckman, admirado por todos os jovens futebolistas do mundo, declarou que já havia experimentado maconha, e os jornais deram: “Beckman usou maconha”. De maneira similar, a imprensa deu tratamento vulgar para um dos mais conhecidos beques centrais da seleção inglesa, Bob Charlton - outro espelho para jovens desportistas - expondo-o, em manchetes, como ladrão, em plena Copa do Mundo, também no México: “Bob Carlton preso no México por assalto à joalheria”. No Brasil, a imprensa estigmatizou o habilidoso jovem jogador de futebol olímpico Edmundo como “ANIMAL”, diziam as manchetes dos jornais quando ele, provocado estrategicamente pelos adversários, respondia indignado a socos, pontapés ou palavrões os desaforos e a violência dentro do campo, trazendo sérios prejuízos para o seu time ou até a seleção brasileira em jogos internacionais com as suas repetidas expulsões.

Provavelmente, na perspectiva de uma Agenda Positiva, chegar-se-ia, no caso de Johnson, no máximo, a um “Uso de substância anabolizante tira medalha de Ben Johnson” ou “Johnson perde medalha por uso de

substância proibida no esporte”. “Uso de substância proibida faz recordista perder medalha de ouro”. O comportamento de Maradona, Bob Charlton ou Edmundo teria também tratamento diferenciado, não apenas por serem espelhos para a juventude, mas por serem eles mesmos jovens, inconseqüentes e impetuosos, necessitando não de manchetes, mas de um acompanhamento psicológico no seu desenvolvimento.

Outro pressuposto é o de que quem compete em esporte olímpico é profissional e conhece as regras. Fora delas está sujeito às sanções. Portanto, um ato delinqüente praticado por um desportista excessivamente exposto, deveria, em realidade, desclassificá-lo também como notícia. Para o Jornalismo da Agenda Positiva o fato não perde o seu caráter noticioso, mas sim em grau de noticiabilidade, devido à responsabilidade do jornalista no tratamento de uma matéria com esse teor. Na seleção do material noticioso seria necessário considerar a posição social que esse atleta ocupa e a abrangência dos efeitos da sua atitude, o que implica em interpretar justamente o contrário da máxima de que “notícia boa é notícia ruim”. A perspectiva coloca para o jornalismo, nesse caso, um desafio metodológico: a responsabilidade no tratamento da notícia de um delito criminal por uma pessoa de notoriedade pública, um modelo social.

Na Agenda Positiva, o fato não deixa, portanto, de ser notícia, mas a tratamento e a valorização da notícia implica em outras considerações, como ocorre, aliás, em várias matérias noticiosas, por exemplo, no campo da economia: os efeitos da notícia econômica. Coloca-se com a Agenda Positiva uma alternativa de abordagem na cobertura do cotidiano pela imprensa. Tem-se assim a expectativa de que a prática noticiosa possa contribuir para produzir um efeito educativo, conscientizador e ainda despertar no leitor a sensação de estar bem informado, não estar sendo enganado ou agredido pela imprensa, e, conseqüentemente, de estar desfrutando do seu direito de bem-estar social.

Celebração olímpica

O que é então a Agenda Positiva? Ela deriva da expressão Welfare cunhada na língua inglesa pelos

teóricos da política como uma linha indutora de responsabilidade de governo na sua relação com a sociedade. O pressuposto de um Estado forjado dentro de um modelo conhecido como o Welfare State é o de que o exercício do poder desse Estado e a prática política estão inteira e prioritariamente voltados para o bem-estar da sociedade. No caso do jornalismo, aqui atuando como um filho bastardo da idéia do Welfare, trata-se de uma espécie de jornalismo do bem, inspirada ainda na máxima salesiana do amorevolezza, resultante de uma linha de pesquisa do Curso de Comunicação Social e de Educação Física da Universidade Católica de Brasília, que considera a responsabilidade social como uma característica própria da imprensa, recusando-se a ser porta-voz da violência como solução, ou daqueles que vivem à margem dos direitos da cidadania ou atentam contra ela, contrapondo-se ainda à idéia de que “notícia boa é notícia ruim”.

Os Jogos Olímpicos e os Paraolímpicos oferecem uma excelente oportunidade para a realização da prática de uma Agenda Positiva, por ser um momento de conagração de alegria, solidariedade e emoção, comportamentos tipicamente humanos, e que, individualmente ou no seu conjunto, transmitem uma idéia de convivência pacífica entre nações, entre povos e entre pessoas. Envolve principalmente a juventude, a geração que vai dar continuidade ao mundo ou que vai construir o novo espaço e os limites da nova convivência planetária. O esporte é, portanto, uma via natural para fazer fluir, entre gerações, povos e cidadãos a idéia de uma sociedade feliz, respeitosa e solidária, assentada sobre o espírito e a existência real do ser humano. Não faltam exemplos no campo esportivo de situações reais. Um dos mais conhecidos do mundo contemporâneo foi a aproximação entre os Estados Unidos e a China Comunista, provocada por dois tenistas de mesa - um chinês e outro norte-americano - ao ignorar o estado imane de conflito político em que viviam as duas nações e promoverem uma competição comum.

Particulariza-se no esporte a prática desenvolvida por pessoas portadoras de deficiência: o esporte paraolímpico. “Ele é tão importante para o atleta ou para o deficiente físico como o próprio ar que ele respira.

Ele muda a perspectiva de vida das pessoas”, segundo expressão da doutora Tânia Rodrigues, presidente da Associação Nacional dos Deficientes Físicos (Andef) no Workshop sobre Esportes Paraolímpicos e Mídia, realizado no Brasil, em fevereiro de 2004.

Segundo o jornalista José Cruz, subeditor de esporte do jornal Correio Braziliense, 100 milhões de brasileiros (de uma população de 170 milhões) estão envolvidos diretamente com um deficiente. Não é por falta, portanto, de leitores que não se escreve sobre a presença dos deficientes como membros ativos da sociedade. Assim, quando a mídia (ou os editores) apresenta um comportamento desinteressado da cobertura de eventos paraolímpicos ou dos Jogos Indígenas, instrumentos de mediação do interesse público, eles estão privando, discriminando mesmo, pessoas punidas fisicamente pela sorte ou pelo destino ou ainda pela origem étnica, do direito de acesso aos privilégios da existência, em particular, do bem-estar social. O esporte liberta os deficientes dos constrangimentos e inibições humanas, e a imprensa teria a responsabilidade de dar uma contribuição no sentido de libertá-las, promovendo-as socialmente nas oportunidades que se oferecem, no caso dos Jogos Paraolímpicos.

Plataforma da Inclusão Social

A Agenda Positiva tem ainda como característica marcante a idéia da inclusão social, também em contraposição à “exclusão social”, detectada na sociedade do conhecimento (NEGROPONTE, 1999), procurando ampliar democraticamente a base de acesso às informações, mediante a difusão das notícias, divulgadas por meio de plataformas multimídias, operando organicamente, ou seja, que reúnem num mesmo espaço, não necessariamente territorializado, desde a comunicação via WEB, passando pelo impresso, a imagem, o áudio, a até à comunicação alternativa nos casos extremos da impossibilidade da comunicação se dar. Proporciona-se assim a liberdade de inferência de que a atuação concomitante e integrada de diferentes mídias possibilita ampliar consideravelmente o horizonte da audiência, já que elas se completam tecnologicamente e por meio do receptor, que acessa a informação de uma forma ou de

outra. Em princípio, nenhum cidadão ficaria privado da informação.

A operacionalidade do modelo da Agenda Positiva está sendo testada por professores e estudantes ligados ao Núcleo de Estudos de Comunicação na América Latina (Nuclam) e pelo Laboratório de Informação e Multimídia em Educação Física e Esportes (Limefe) da Universidade Católica de Brasília, por meio de projetos de cobertura jornalística na área esportiva, entre os quais incluem-se os jogos indígenas, considerados não uma competição, mas um evento celebrativo do encontro de vários grupos humanos que vivem isolados na floresta. Esse espírito, que preside as coberturas jornalísticas dos projetos Nuclam/Limefe e, particularmente, dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Atenas, é a mola-mestra da idéia da Agenda Positiva.

Dentro dessa perspectiva, a Agenda Positiva vê no Esporte um excelente campo de convivência social solidária. Assim, o Projeto Atenas 2004 da Universidade Católica de Brasília formulou sua própria proposta metodológica, aparentemente original e inédita, também chamada de Plataforma da Inclusão Social (PIS), por se propor a maximizar o uso dos recursos cibernéticos para conter e reduzir a ampliação do número dos excluídos da sociedade do conhecimento. A Plataforma de Inclusão Social está, assim resumida, em cinco instrumentos de sustentação operacionais abaixo, identificados pela sigla CTPMC:

1 - Cidadania - dar aos estudantes de jornalismo uma visão ética e responsável, fundada nos direitos da cidadania, a nível local e global e com características marcadamente humanas;

2 - Tangibilidade - Promover pesquisas básicas para identificar referenciais empíricos tangíveis no cotidiano da cultura, da educação física, dos esportes, da saúde e do lazer, manifestações e comportamentos de atletas e técnicos que possam contribuir para sinalizar em direção à formação de um mundo melhor;

3 - Parcerias - desenvolver nos estudantes de Jornalismo sensibilidade social e política,

habilitando-os a trabalhar cooperativamente, destituídos de egoísmos, vaidades e narcisismos profissionais, procurando estender essa proposta para dentro das empresas jornalísticas, sob a forma de parcerias;

4 - Multiplicação (Spread the word) - acessibilidade e reprodução da proposta em todos os níveis de relações sociais a partir das escolas das comunidades e dos recursos midiáticos disponíveis;

5 - Convergência multimídia - abrir para a mídia, por meio de uma matriz multimídia que reúne os meios de comunicação numa única direção, permeando-os dos instrumentos de trabalho propostos no CTPMC, de maneira a contribuir para fortalecer a cidadania, o espírito cooperativo e o bem-estar social, levando a democratização da informação aos seus últimos limites.

Matriz Multimídia

A matriz multimídia do Projeto Atenas 2004 surge como um modelo aplicativo fruto de experiências acumuladas nas coberturas de eventos como os Jogos Paraolímpicos (2000), os Jogos Indígenas (2003), dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003) e do modelo elaborado para a Cobertura dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Atenas 2004. Também contribuíram para a sua formatação as experiências vividas em conjunto ou individualmente pelo Núcleo de Estudos de Comunicação da América Latina e o Laboratório de Informação e Multimídia em Educação Física e Esporte, fruto da vocação de cada um e da singularidade dos projetos protagonizados isolada e conjuntamente pelas duas equipes.

O Limefe, em cujo laboratório esta proposta vem sendo testada, resulta da cultura do Centro Esportivo Virtual (CEV), que deu origem à tese de doutorado de Pereira (1998), seu idealizador, a partir de uma descrição da evolução no trato da informação esportiva e da educação física no Brasil na era da Sociedade do Conhecimento. No dizer de Toffler (2001) será a nova era do

homem pós-moderno - em uma terceira onda - inserido neste mundo da informação tecnologizada, cercado por uma diversidade de meios de comunicação, que operam como insumo na forma de perceber o mundo e de comunicar-se, como uma extensão de si mesmo.

A mediação e a percepção dos acontecimentos tende, portanto, a ser cada vez mais vivida na diversidade midiática, em que o agente produtor da notícia (repórter, correspondente e jornalista), valendo-se de diferentes mídias, oferece opções de acesso e de interpretação a um dado acontecimento. (VIEIRA, 2003), utiliza a análise de discurso para interpretar o tratamento do esporte nas televisões brasileiras que realizaram a cobertura dos Jogos Olímpicos de Sidney, procurando identificar diferentes abordagens e formatos de programas televisivos, suas estruturação e construção, na tentativa de atingir um número sempre mais elevado de telespectadores que acompanham eventos esportivos de grande porte.

Nessa direção, Bourdieu (1997) em "O esporte e a televisão" cita a engrenagem que se monta para mostrar o esporte espetáculo, chamando de "caixa preta", este espaço ocupado pelo jornalista e uma série de outros agentes que interferem na produção e na edição, relatando histórias que ficam na memória e no espaço simbólico do imaginário de todo aquele que se vê assistindo, lendo, escutando, ou, mais modernamente, interagindo com as edições e fragmentos ou totalidade da realidade do mundo dos esportes.

Também em tese de doutoramento, Feres (2000) mostra uma tendência das vivências da desterritorialização dos esportes, pela vivência da experiência no chamado espaço virtual, apresentada por Levy (1997), entre outros importantes teóricos, em a sociedade desses tempos novos aparece compelida a viver de maneira diferente a realidade a partir do espaço da virtualidade.

Assim, acompanhar um evento de esportes, via meios de comunicação convencionais, tornou-se para muitos uma forma de participar do espetáculo esportivo, ou seja, do envolvimento informal e virtual com o objeto. Este papel é desempenhado, por exemplo, segundo Bourdieu, pelo agente da notícia. Temos então um tripé constituído pelo fenômeno do esporte (1), pelo

mediador produtor e editor deste objeto (2), corpus da apreciação distinta da audiência (3) pela Tv, pelo rádio, jornal, revista ou web. No caso do projeto Atenas, a aplicação se dá a partir da referência focada nos princípios do CTPMC (Cidadania, Tangibilidade, Parcerias, Multiplicação e Convergência), já descritos.

Desta maneira, torna-se propósito pedagógico, democraticamente fundacional, a concepção de uma plataforma de inclusão social, capaz de procurar reverter a tendência preconizada pelos teóricos da sociedade do conhecimento da exclusão social no uso, no acesso e na interação com os meios tecnológicos que sustentam a comunicação.

A própria tecnologia acusada de geradora da exclusão torna possível pensar numa cobertura em padrões competitivos especiais, com recursos diferentes dos convencionais, a partir da exploração de potencialidades conhecidas, mediante cruzamentos vários, e da investigação sistemática da capacidade reprimida presente nas tecnologias da informação. A experimentação revela, na maioria das vezes, combinações complexas e excludentes, mas não terminativas. Portanto, estabelecer uma matriz multimídia, sustentada dentro de uma plataforma e operada no espaço transterritorializado da infovia, tende para uma agregação pela aplicação e gestão de adequações de interfaces ergonomicamente concebidas para facilitar a relação homem x máquina, como lembra Silva (2002), e dos homens entre si, abrindo possibilidades pedagógicas informais, expressas na virtualidade, mas fundadas no real e acessíveis para usuários profissionais e aficionados dos esportes.

Modelo descritivo sinóptico da matriz de convergência multimídia (MCM):

- Câmeras de fotografar analógicas e digital;
- Câmeras de filmar digital;
- Microfones;
- Ilha de edição digital (com possibilidade de transformar para sinais analógicos);
- Tecnologia de Web rádio (com possibilidade de transformar para sinais analógicos);
- Estação multimídia na base (Limefe -UCB-BSB),

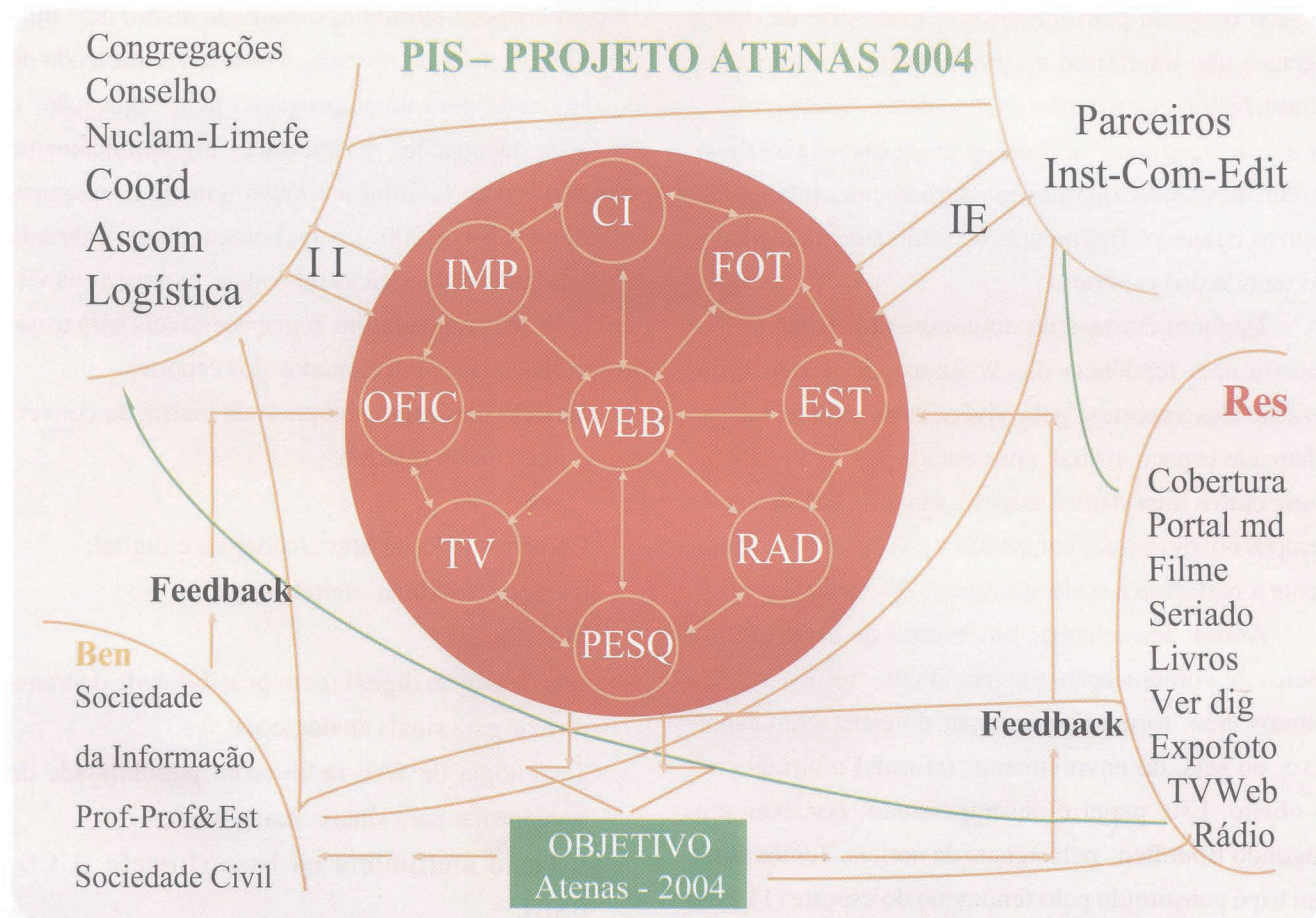
- Estação multimídia em Atenas (local de aplicação experimental), uma vez que o projeto em experimentação é pioneiro, piloto e pedagógico;
- Estação multimídia móvel, com o uso de computadores portáteis;
- Servidores para armazenar o material produzido (Banco de dados de imagens, áudio, foto, textos e web)
- Transmissão de arquivos via sistema Wi Fi, conexão via a Web, telefone celular;
- Estrutura interativa com software para chat, listas de discussão e fórum virtual temático;
- Projeto básico de segurança de produção, transmissão, edição e armazenamento dos produtos do projeto;
- Aplicação da idéia de gestão virtual cooperativa;

O modelo esquemático da matriz multimídia, apresentado na figura, ilustra a complexa malha de relações, ampliadas do conceito aplicativo da teoria geral de sistemas e expandida por um espectro de cruzamentos institucionais, comerciais, editoriais e até administrativas. Resulta daí a possibilidade de se operar, dentro de um portal multimídia, filmes seriados, livros, revistas digitais, material para jornais, exposição de fotos, TV Web e rádio digital. Os beneficiários deste projeto são a sociedade da informação, professores, estudantes e profissionais, mas particularmente a sociedade civil, que terá um leque de opções para chegar à informação desejada.

Conclusão

Na perspectiva do modelo da Agenda Positiva a cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos e, particularmente, os Paraolímpicos, sempre com o espírito da celebração, pode ser surpreendida por fatos e resultados

Modelo esquemático da matriz de convergência multimídia:



inusitados e histórias ainda mais interessantes e humanas de superação das adversidades físicas e mentais, ignoradas, muitas vezes, em favor dos resultados olímpicos. A Agenda Positiva não se descuida do cotidiano social, mesmo diante de agendas políticas jornalisticamente expressivas.

Fica claro, portanto, que uma agenda jornalística positiva não é uma agenda de governo, de grupos de interesse, expressão da maioria ou da minoria. Ela se propõe a publicizar atos e iniciativas públicas, a desconstruir discursos se necessário, que afetam o dia-a-dia da sociedade. Não se contenta também com a visão maniqueísta dos fatos do cotidiano. O que se chama de interesse público é muito mais complexo, exigindo competência, agilidade, erudição e sensibilidade elevada do jornalista para a formação de uma Agenda Positiva. Por trás de cada fato, de cada notícia existe uma vida, uma família, uma comunidade, e até um país onde a convivência saudável e justa vai ditar o estado de bem-estar daquela sociedade.

A agenda pública não pode, portanto, ser tratada também como uma questão de lealdade a alguém ou ao governo. Ser leal ou imparcial na captação e transmissão dos fatos é um atributo implícito na atividade de qualquer jornalista. Enfim, a Agenda Jornalística Pública deve contribuir para o bem-estar, a inclusão social, a auto-estima do cidadão e para a própria cidadania. Os meios de comunicação têm compromisso público. Na sua pedagogia da informalidade, educam ou deseducam, conscientizam e mobilizam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGMANN, Albert. **The Meaning of Technology**. EUA (....). The World, p. 289-299, March, 1996

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: Seguido de a influência do jornalismo e os jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

CASTANHO, Valéria. **Profissional Híbrido**: jornalista no Terceiro Milênio. Brasília, 2004. Mimeo.

Correio Braziliense: **“Tensão no campo” e “Confron-**

to à vista”. Brasília, edição de 08 de abril de 2004.

Correio Braziliense: **“Número de caloteiros sobe 150%”**. Brasília, edição de 09 de abril de 2004.

COSTA, Cristina. Sociologia alemã: a contribuição de Max Weber. **In Sociologia**: Introdução à Ciência da Sociedade. SP: 2002, 70-77

DaCOSTA, Lamartine P.(Organizadores) **Estudos Olímpicos**.Rio: Editora Gama Filho, 1999

FERES, Neto, Alfredo. **A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas**. 2001, Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

FERREIRA, Karla C . **Jornalismo de Interesse Público**. Trabalho final do Curso de Jornalismo. Brasília: UCB, 2001.

GUTIERREZ, Francisco. **El lenguaje total**: pedagogia de los medios de comunicación.Buenos Aires: Editorial Hvmanitas, 1972.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**.Rio: Civilização Brasileira, 1978

LICHT, Henrique . Exposições, Jogos Olímpicos e Museus Olímpicos. in Tavares, Otávio e Levy, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1997

McCOMBS e SHAW, 2000:47/61 “ The Agenda-setting function of massa media”, **revista Public Opinion Quarterly**, vol.36, n 2, Verão , 1972.

MEDEIROS,Armando. **O Poder da Mídia. Curso de Midia Training - relacionamento com a imprensa**. Brasília: Centro de Treinamento do Banco Central, julho de 1996. mimeo.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital** . SP: Difel, 1995

NIQUINI, Débora. **Grupos Cooperativos**: uma metodologia de ensino. Brasília: Universa, 1997)

PEREIRA, Laércio Elias. **Centro Esportivo Virtual**: uma experiência de informação em educação física de

informação em educação física e esportes na internet, 1998. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas.

PORTALES, Diego. La Desinformación sobre la Información, In **Revista Cultura**. Buenos Aires: APSI, 1978

QUINTÃO, Aylê-Sallassié F. **Educação Informal: a contribuição dos meios de comunicação convencionais**. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Educação Ambiental”, Brasília, 1997

PIMENTEL, Rilton. **Jornalismo de Busca de Soluções**. Trabalho de final de Curso de Jornalismo. Brasília,: UCB, 2001. Mimeo

YOUNG, A.J. McELHONE. **Guidelines for the Development of Non-Formal Environmental Education**. UNESCO - UNEP International Environmental Education Program. Environmental Education Series, 23. Unesco, 1986. Division of Science, Technical and Environmental Education.

SILVA, César Roberto, **Análise de programas educacionais informatizados (PEI)**. Tese de Mestrado, UCB, 2001.

TAVARES, OTÁVIO e DaCosta Lamartine P.(Organizadores) **Estudos Olímpicos**.Rio: Editora Gama Filho, 1999

TOFFLER, Alvim, **A terceira onda**. Ed. Record, Ed 25, 2001.

VIEIRA, Paulo César Trindade. **Análise de programas especiais de televisão produzidos por emissoras brasileiras na cobertura dos Jogos Olímpicos de Sidney - 2000**. Tese de Mestrado, UCB, Brasília, 2003.

VIDAL, Delci M.M.. **Jornalismo da Boa Notícia**. Brasília: Dissertação de mestrado do Departamento de Comunicação da UnB, 2003.